

## Ciências Sociais, ensino e a “desbarbárie”

Entrevista com Silzane de Almeida Carneiro

A grande experiência da professora Silzane Carneiro, que atuou como docente de sociologia tanto no ensino fundamental, quanto no ensino médio e no ensino superior, traz contribuições importantes para o tema deste dossiê. Ela personifica em sua trajetória as ricas possibilidades da associação entre as Ciências Sociais e a Educação. A entrevista foi realizada por Karen Felipe Fernandes<sup>1</sup> no dia 14 de fevereiro de 2023, pela plataforma *Google Meet*.

**KAREN FERNANDES:** Gostaria que falasse sobre sua formação e trajetória profissional.

**SILZANE CARNEIRO:** Eu concluí a faculdade em 1982, passei meu ensino médio em um momento que a ditadura caminhava pro final e muitas questões mobilizavam os estudantes. Eu gostava de química, física e pensei em fazer escola técnica de química, mas no ano em que fui fazer a prova, desenho passou a ser obrigatório e eu não gostava de desenho. Apesar de fazer cursinho, eu zerei a prova de desenho, aí não entrei. No 3º ano do ensino médio pensei em fazer matemática, mas pensei que “também só vou ver números” e eu gostava de pessoas, de trocar ideias e tal, aí optei por ciências sociais. Então, quando fiz vestibular, é curioso que a prova que mais pontuei foi química, que eu também gostava muito. Então decidi e aí fiz ciências sociais, no IFCS – UFRJ (Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro) e logo quando terminei a faculdade eu comecei a dar aula. Em um momento quis mudar para trabalhar com pesquisa, aí fiz um curso de especialização e trabalhei em uma pesquisa sobre “movimentos sociais de trabalhadores nos anos 1950”. A pesquisa tratava da evolução urbana do Rio de Janeiro e movimentos dos trabalhadores, uma pesquisa do Professor Franklin Dias Coelho, e depois ele me indicou para outra pesquisa no IPPUR (Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro), que eu trabalhei com a professora Ana Clara Torres Ribeiro, que mais tarde vai ser a minha orientadora no mestrado. Ficamos trabalhando sobre as novas tecnologias de informação e comunicação (NTIC), estudávamos a questão do poder, do espaço das metrópoles, porque começava naquela época a surgir novas tecnologias de comunicação, que foi inicialmente o celular, o próprio computador, notebook, que começavam a se disseminar, essas tecnologias e as mudanças que estavam ocorrendo na sociedade. Minha dissertação de mestrado vai nessa direção, onde eu trato “a questão da família em relação à questão do telefone”, como ele era um elemento importante para mães que iam trabalhar e também uma questão de controle social. Ao mesmo tempo também a questão da materialidade urbana dessas tecnologias, que a gente passa a observar, espaços sociais mais bem equipados e espaços sociais com pouco ou nenhum equipamento de comunicação, na

---

<sup>1</sup> Bacharel e Licencianda em Ciências Sociais. UFF em Campos dos Goytacazes.

época se falava equipamentos de consumo coletivo. E continuei trabalhando com pesquisa até que o governo começou a cortar as verbas de pesquisa, a minha orientadora perde algumas bolsas, apesar de manter o grupo de pesquisa, e aí nisso eu voltei pra escola. Fui para o Pedro II, inicialmente como professora contratada, depois fiz o concurso, fui aprovada e entrei no colégio em 2003, (final do ano de 2003). E estou até agora no colégio, sempre como professora, atuando também como coordenadora pedagógica de disciplina e atualmente coordenadora geral da disciplina Sociologia. Cada coordenador pedagógico atua no seu campus de trabalho, agora como coordenadora geral, não estou na sala de aula, mas eu coordeno a disciplina de sociologia em todo o Colégio Pedro II. Então isso foi assim, muito rapidamente sobre a minha formação e minha trajetória de trabalho, que vai se desenvolver e se consolidar mesmo no Colégio Pedro II.

**KAREN FERNANDES:** Como ocorre o ensino de sociologia no Colégio Pedro II?

**SILZANE CARNEIRO:** Quando eu entrei no colégio como contratada, isso foi em 2000, a disciplina de sociologia era nova, estava se consolidando. No ensino fundamental a disciplina era “sociedade e cidadania”, tinha professores com outras formações também atuando nesse segmento fundamental. Com a entrada do grupo de professores que foi do meu concurso, a gente vai mudando a cara da sociologia no Pedro II, nós em conjunto com os professores de sociologia que tinham entrado já na década de 1990, porque já se passou a considerar a formação de sociologia como fundamental para o departamento de sociologia, a não aceitar em outros concursos outras formações que não a de ciências sociais ou sociologia, porque antes tinha professor de química, de letras, vamos dizer assim, trabalhando com sociedade e cidadania né... No ensino de sociologia tinha que ser formado mesmo em ciências sociais ou sociologia. E aí o departamento sempre teve essa figura do coordenador geral, em um passado recente era chamado chefe de departamento, atualmente é coordenador geral do departamento de sociologia, da disciplina pedagógica, e aí assim a gente organiza duas vezes por ano, nos reunimos em colegiado e discutimos questões pertinentes ao ensino e também, havendo demanda, à questões mais administrativas, então a gente sempre elabora. Já tem alguns anos que a gente fez isso, estamos precisando rever o nosso programa, mas a gente elabora esse programa em colegiado, levantamos alguns autores, indicamos alguns autores, desenvolvendo... Enfim né, pra facilitar às vezes a vida do professor, com indicações de livros, de autores, ele pode seguir outras referências, não é obrigatório, a gente cita e cada professor, cada equipe no seu campus, decide. Porque assim, temos nove campi, sendo que desses nove, apenas um tem somente ensino fundamental, todos os outros têm ensino fundamental e sociologia (no ensino médio) e os professores de sociologia atuam no fundamental no sétimo, oitavo e nono ano e no ensino médio. Nós temos também Proeja (Programa de Integração da Educação Profissional ao Ensino Médio na Modalidade Educação de Jovens e Adultos) e agora aqui no Pedro II temos especialização em ensino de ciências sociais e educação básica e graduação em ciências sociais. Estes cursos são mais recentes. Os professores se organizam em equipes nos campi onde estão lotados, cada campus tem uma equipe de

professor de sociologia, com no mínimo quatro, às vezes até seis professores... esses professores também se reúnem semanalmente em reuniões de planejamento, para trocas de ideias sobre trabalhos, sobre o programa e elaborar provas, enfim ... e semanalmente também o coordenador geral se reúne com os coordenadores pedagógicos dos campi que levam essas demandas. A estrutura hoje do colégio, pensando assim na gestão democrática da escola, é assim: os coordenadores pedagógicos das disciplinas se reúnem com as equipes na RPS (Reunião de Planejamento Semanal), depois esses coordenadores se reúnem com o coordenador geral, que são as reuniões de coordenação. Esse coordenador geral se reúne em um fórum consultivo e delibero para os departamentos, denominado CONDEPAR, que é o conselho dos departamentos, e também semanalmente se reúnem no CONEPE, que é um conselho com os coordenadores gerais e as direções gerais dos campi. Assim, é onde são elaboradas e discutidas questões que dizem respeito, por exemplo, ao calendário, políticas institucionais, enfim, tudo que se diz respeito a uma questão administrativa que afeta o pedagógico, como também as questões pedagógicas. E o que a gente delibera vai para o CONSUP, que é o conselho superior do colégio, para ser aprovado, né. Então essa, sim, é uma parte burocrática dessa questão do ensino de sociologia, desde a elaboração dos programas, dos professores se reunindo. Mas é importante aqui destacar que os professores têm autonomia dentro daquele programa, ele não engessa. Se está acontecendo alguma coisa importante naquele momento que vale a pena ser conversada em sala de aula, isso se o professor quiser, ele pode fazer, se ele quiser se ater apenas ao programa, ele vai se ater só ao programa, mas se ele quiser abrir para questões de conjuntura, ele também pode. Da mesma forma que os professores têm autonomia para desenvolverem e prepararem suas aulas.

**KAREN FERNANDES:** Como você está falando sobre essa questão da autonomia também, queria saber como é a sua atuação enquanto professora dentro da sala de aula, como você lida/lidava com essas questões?

**SILZANE CARNEIRO:** Então, atualmente eu não estou em sala de aula, mas eu posso te falar assim de recente. Bom, eu sempre procurei trazer essas questões que estão no momento aí e que valem a pena serem discutidas, então assim, sempre procurei trazer coisas do cotidiano pra sala de aula e sempre com uma aula dialogada, com espaço para os estudantes se colocarem, desde as críticas, até outras questões que eles queiram. E assim, nos últimos anos, eu trabalhei muitos anos com o 3º ano do ensino médio e 7º ano do fundamental, eram as séries que eu estava trabalhando quando veio a pandemia, vamos dizer assim. Então são duas experiências completamente diferentes, porque o 7º ano é muita energia, né, e é uma série que tudo que você propõe eles topam de imediato. Com o 7º ano, discutir questões da atualidade era uma coisa assim mais pincelada mesmo, porque às vezes eles nem estavam com preocupações políticas, econômicas, nessa faixa etária não têm essas preocupações, mas gostavam de falar. Não todos, mas alguns, de tratar a questão de gênero, era um assunto que motivava muito os estudantes. Já o 3º ano, em função talvez até do vestibular, do Enem (Exame Nacional do Ensino Médio), vestibular Uerj

(Universidade do Estado do Rio de Janeiro) e outras universidades, as questões atuais eles já ficavam muito ligados, mas o programa mesmo às vezes já contemplava, o programa do 3º ano... é, assim, eu gostava muito de falar sobre a questão da violência, criminalidade urbana, então são alguns assuntos que mobilizavam. A questão ambiental por exemplo, não mobilizava tanto, mas se discutia... mas eram estudantes muito focados no ensino, no Enem, que não estavam abertos a variações daquele tipo de aula expositiva, se eu passava trabalho em grupo ou alguma coisa que fosse mais trabalhosa, que eles tivessem que se reunir, isso não era bem-visto, sem exceção. Então assim, uma turma ou outra se mobilizava: “vamos fazer um trabalho de pesquisa”, tá, mas a pesquisa a gente tinha que ir lá pro laboratório de informática, era na hora da aula, esse negócio assim de pesquisar, de se envolver, pra pesquisar, pra entregar, eles faziam, mas não era algo que motivasse, isso os alunos falavam mesmo, eles tinham... eu dava sempre essa abertura, porque a gente trabalha com estudante e está procurando sempre acertar, então é bom a gente ouvir os estudantes e eu sempre tive isso. E falando em ouvir os estudantes, vou te contar aqui duas experiências, que foram duas coisas que me marcaram muito como professora no Pedro II. Uma ainda como professora contratada, nessa época a gente ainda tinha o 6º ano do fundamental, depois foi retirado, tiraram a gente da grade do 6º ano e inseriram a gente no 9º ano. Então, em termos de idade, no sexto ano são muito crianças ainda, então eu sempre tomo muito cuidado pra falar, pra abordar as questões, mas no final do ano eu passei um trabalho livre, tinha os temas que a gente tinha desenvolvido dentro do programa e deixei assim a apresentação do trabalho livre, e sempre recebia trabalhos muito bons, o ensino fundamental acho excelente a disposição deles. Enfim, aí teve um grupo que apresentou um teatro, fez uma performance teatral e eles trouxeram cápsulas de bala (de arma de fogo) pra tornar mais real a encenação, fingiam que estavam cheirando “cocaína” e no final eu perguntei sobre aquelas cápsulas, eram do telhado da casa de uma aluna. E essa coisa de estar fingindo que está cheirando cocaína é uma coisa que está lá na rotina deles, no cotidiano. Então aquilo me impactou porque eram crianças que viviam uma realidade muito dura que eu não conversava na sala de aula porque eu estava cheia de cuidados né, e eu não conhecia de fato a realidade dos meus alunos, então isso me marcou muito e também que me fez repensar a minha atuação como professora. E outra coisa que me marcou muito, aí já como efetiva e trabalhando com o 6º ano, a gente tinha... é na época era chefe de departamento, então falava assim, nessa faixa etária, pra gente olhar o caderno, dar orientação de como organizar, e aí um estudante, eu comentei assim com ele, acho que ele estava escrevendo na hora: “você precisa melhorar sua letra”. E aí ele me respondeu que ele já estava fazendo o melhor que ele podia, então aquilo me marcou, a forma como a gente fala algo para os estudantes, porque um pouco depois eu fui saber, conversando com a mãe dele, que ele tinha problemas de coordenação, a mãe dele era professora no mesmo campus que ele frequentava e ela comentou comigo quando falei sobre isso. Então isso assim me marcou, a gente pensa querendo ajudar com essa coisa de fazer uma letra legível e tal e a gente pode estar provocando algum ou outro problema sem querer, então me marcou e me fez repensar a forma do tratamento, do diálogo com os estudantes, pensar as suas condições, enfim, né... Achei assim que foram duas questões

importantes e que eu coloco aqui justamente por isso, às vezes a gente já dá aula no automático e são muitas turmas, muitos alunos, muitas realidades diferentes que às vezes a gente, no nosso olhar, não capta determinadas singularidades, então é nessa intenção.

**KAREN FERNANDES:** Com a sua experiência em sala de aula, pensando na questão geracional, você percebe mudanças no comportamento dos alunos ao longo dos anos?

**SILZANE CARNEIRO:** Sim, eu percebo muito. Isso é uma questão conjuntural mesmo, antes os alunos valorizavam o ensino, valorizavam a escola. Outro dia eu estava conversando com o coordenador geral de Francês e o que ele me relatou é um pouco do que a gente vive hoje, né, não que isso aconteça pra todos, mas é uma realidade que começa a aparecer e vai se destacando. Então, ele estava substituindo uma professora acho que no 6º ano também, mas ele disse que ele não estava conseguindo se fazer ouvir, que a turma estava muito agitada, e aí ele começou a conversar sobre a importância do ensino e tais e alguns alunos falaram que não tinha a menor a importância hoje. Os alunos, assim resumindo, eles desvincularam essa questão do ganhar dinheiro e a questão da educação, você estudar e se formar não é necessariamente ganhar dinheiro, mas algum tempo atrás os alunos faziam a opção no vestibular pelo ganhar dinheiro, ia fazer uma coisa, você quer ser médico, quer ser engenheiro, advogado, não quer ser professor, muito atrelado a essa questão do ganhar dinheiro. Mas essa geração que ele pontuou do 6º ano já está pensando em ganhar dinheiro de outras formas e pra isso a educação não tem o menor valor, que não faz sentido estar estudando. Então essa é uma questão que começa a aparecer, como isso pode ter sido reforçado por exemplo, é se a gente pegar os 4 últimos anos de governo, como foi minando a figura do professor e acabando com a questão da escola pública. Professor antigamente era mais respeitado, professor era quase como uma “figura sagrada”, hoje ele é meio que “demonizado”, né. Então assim, são questões que estão aí e que a gente precisa resgatar, a importância do ensino, a importância da educação, a importância do professor, pensar porque essa figura vai sendo desgastada na nossa sociedade, esse movimento do “escola sem partido” dá um pouco a direção desse processo que foi sendo construído ao longo... que vai culminar na ascensão do governo passado e como ele foi nocivo na questão da educação. Ainda assim, tecnologicamente há uma diferença muito grande, quando eu comecei a atuar essa questão da tecnologia não era tão presente e hoje em dia, você já começa a substituir os textos pelo uso do celular, enfim, né. As próprias questões de ensino elas vão sendo atualizadas, mas uma coisa interessante é que essa questão geracional quando a gente pensa, por exemplo, o meu caso, que já sou bem mais velha em relação aos alunos, é fácil perceber, ela pode ser percebida, não necessariamente só pela idade, mas é interessante que os professores mais jovens também pontuam essa diferença geracional, que já constituiu até um tópico que era pra gente se reunir em uma reunião mais ampliada pra tratar disso, como essa questão ela... não sei se a própria tecnologia dá essa impressão que vai condicionando algumas distâncias, fazendo com que elas apareçam mais, mas isso é uma situação que já foi levantada pelos professores da equipe de sociologia, essa dificuldade de se relacionar nos aspectos

pedagógicos e tecnológicos com os estudantes. Vou citar aqui um fato, na própria questão da sexualidade, no tratamento disso há uma diferença entre os professores na faixa dos 28-30 anos e os adolescentes de 16 anos para compreensão dessas questões. Eu não sei se vocês acompanharam o escândalo que saiu no colégio acerca dessa questão da sexualidade, os alunos marcaram um “encontro”, para eles uma coisa normal, natural, enquanto para a equipe de professores, de diretores, isso não é. Mas então isso marca essa distância geracional, no olhar sobre algumas questões, não estou dizendo aqui julgando o que é certo ou errado, só pontuando que a gente tem que se debruçar sobre essas questões, estudar, e ver como agir em relação a essas mudanças que cada vez são mais rápidas, elas chegam muito rápidas pra gente.

**KAREN FERNANDES:** Você experimenta dificuldades na atuação como docente? Quais?

**SILZANE CARNEIRO:** Olha, acho que não posso falar em conflitos, mas posso falar da minha experiência em sala de aula. Eu já tive assim muitos alunos, por conta da disciplina de sociologia ser nova no colégio, dos alunos não se interessarem muito nas aulas de sociologia, tinham professores que também contribuía, que achavam que sociologia não era importante, que passava essa mensagem também para estudantes. Então assim, hoje em dia a sociologia já tem um trabalho consolidado, é respeitado pelos alunos, reconhecem a importância, mas foi um pouco difícil. Dificuldades, por exemplo, quando a gente entrega as notas, os alunos sempre questionam quando tiram uma nota baixa, querem argumentar que a resposta dele tá certa e tals, então pra isso eu já fui desenvolvendo coisas, por último eu pegava três boas respostas e colocava no slide pra apresentar, mas isso dava um trabalho de pegar as respostas e colocar, e tinham alunos que não gostavam, mas eu fui assim, tentando amenizar de que o aluno, às vezes que vai reclamar, é que ele não estudou, que escreveu muito mal a resposta, que não desenvolveu. Bem, uma coisa sou eu dar minha resposta, de professora, a outra é pegar a resposta de estudantes, da mesma turma, colocar como aqueles estudantes escreveram as suas respostas, para eles terem um parâmetro para além do professor. Então tinha sim situações, por exemplo uma envolvendo nota baixa com aluno do 3º ano, já no final, perto da pandemia. Esse aluno tinha até sido meu aluno no 6º ano e o encontrei de novo no 3º ano, ele tirou uma nota muito baixa, ele pegou a prova, amassou e jogou no chão. Eu achei muito desrespeitoso isso, porque foi ali na minha frente, então encaminhei ele pro serviço de orientação pedagógica – SOEP. Neste setor, conversei com ele esclarecendo que se ele não ficou satisfeito, ele teria que ter argumentado comigo sobre a sua insatisfação e nunca amassar a prova, porque ela é um documento e se ele precisasse mais tarde, se ao longo do ano eu tivesse lançado a nota dele errada, ele talvez precisasse daquela prova pra me mostrar e poder corrigir o erro. E também da falta de respeito, não é desrespeitando que a gente vai conseguir as coisas, mas enfim depois ele se desculpou e passou a ter outra postura dentro de sala de aula, eu vi isso como muito positivo. Já tive também, como trabalhei muitos anos no ensino fundamental, muitos responsáveis vinham falar comigo descontentes com a nota do filho. Teve um caso

que um pai veio reclamar, era um aluno do 7º ano e a disciplina, a matéria naquele momento era questão racial, a gente discutia raça, etnia e tals, então o filho dele tinha ficado em recuperação, só nesse momento que o filho dele ficou em recuperação é que o responsável veio falar comigo. Não me procurou em nenhum outro momento que o menino tirou uma nota baixa na prova. E aí ele foi grosseiro comigo, disse que “eu não sabia nada”, que o filho não precisava de caderno isso porque falei: “seu filho nem caderno tem” e ele dizia “porque não precisava de caderno, eu também não usava caderno e não precisei disso pra trabalhar na marinha”. Então, é uma pessoa que não valoriza mesmo a educação e incentiva o filho a ter a mesma postura. Então assim, alguns tipos de problemas que eu relatei aqui, tem uma outra situação que me fez repensar um pouco a minha prática, eu acho que quando eu comecei a dar aula eu era muito rigorosa com essa questão das notas, até que um dia, também no 7º ano, uma estudante, excelente estudante, ela ficou com uma nota baixa na prova e queria, acho que 1 décimo ou meio ponto e me pediu, eu realmente não gostava de dar ponto, se no final do ano eu percebesse que o estudante precisaria de um décimo, dois décimos, meio ponto, para não ir pra prova final, eu daria, mas ao longo do ano eu não daria a nota. E aí, essa estudante, participativa, veio me pedir e eu falei que não, nossa a aluna ficou chorando e aí eu me senti mal, mas não alterei a nota, só que aquilo me fez rever, o que é meio ponto se isso vai fazer bem para outra pessoa, eu já tive situações como essa que me fizeram repensar. Então no Pedro II eu não tive muitos conflitos, mas eu fiz também algumas coisas, eu gostava sempre de colocar estudantes para participar, alguns anos atrás a questão do bullying estava em evidência na escola, aí pensei em uma campanha e outros coordenadores de sociologia de outros campi também adotaram essa questão e fizemos uma campanha contra o bullying. Tínhamos naquele momento uma coordenadora de pesquisa que era a professora Janecleide e fizemos uma pesquisa na escola com estudantes de ensino fundamental sobre bullying, esse trabalho foi apresentada na primeira jornada científica do colégio, que recebeu convite para apresentar em uma feira de ciências, em Minas Gerais, então eu gostava muito de envolver os estudantes em algumas atividades e vejo isso como algo positivo. Por último, no 3º ano em 2019, antes da pandemia, naquele momento eu não lembro qual era a questão que estava ligada, mas essa coisa da violência e da criminalidade urbana sempre chamou a atenção dos alunos, chamava muito mais atenção. Aí, organizei com os estudantes um seminário pra gente debater a questão da violência, porque eu estava em um grupo de pesquisa sobre a questão ambiental e nesse grupo eu tinha uma aluna que era da Maré e conversei com ela pra gente organizar esse evento e ela convidou dois professores de um curso comunitário da Maré pra falar lá e foi um evento assim, muito emocionante, porque vários alunos nossos deram depoimentos. Então, acho assim que são atividades que os alunos se colocam são importantes, mas por outro lado, a escola também faz outras atividades que envolvem os alunos. Eu quero dizer é que quando a gente sempre faz um trabalho que abre espaço pro aluno, dá o lugar de fala para eles, isso é importante, porque a gente aprende a conhecer, melhora a relação na sala de aula, acho que a gente só tem a ganhar pedagogicamente e também subjetivamente porque a gente vai ajudando a moldar uma subjetividade de reconhecimento do outro. Acho isso importante na sala de aula, que hoje

em dia a gente lida com tantos problemas, tantas diferenças, diversidades, pluralidades de ideias, que às vezes mesmo a gente tendo isso como positivo, acaba vendo isso como uma questão negativa, muitas vezes o professor quer impor o seu olhar, a sua visão, não abrindo espaço para esses estudantes se colocarem. Cabe destacar que tanto a atividade de pesquisa quanto o seminário eram atividades do LAEDH – Laboratório de Educação em Direitos Humanos do Colégio Pedro II do qual sou pesquisadora.

**KAREN FERNANDES:** Com o retorno presencial após o isolamento pela pandemia, você enfrentou dificuldades no ensino e/ou na escola?

**SILZANE CARNEIRO:** Vou te falar duas coisas, uma foi eu como professora na pandemia, quando ficamos no remoto. O colégio (Pedro II) demorou pra entrar em trabalho remoto, a escola fechou em março, precisamente dia 13 de março, foi o último dia de aula de 2020 e só vai retornar às aulas em modo remoto em setembro (2020). Eu fiz uma atividade remota, chamei de “atividade de sensibilização”, nossa fiquei tão emocionada, que fiquei pensando em pegar esse material que os alunos me enviaram e escrever alguma coisa, mas ainda não fiz isso. Os alunos se colocaram, assim, falaram das suas dificuldades, se abriram né... de modo resumido também, mas foram bem sinceros, aquilo me emocionou, então achei bem interessante. Mas na volta, passada a pandemia, tivemos e estamos tendo ainda muitos problemas. Primeiro que a escola não se organizou adequadamente para receber esses estudantes, porque como estávamos tendo aula no remoto acho que todos entendemos como se estivesse “já podemos estar na sala de aula e dar continuidade”, na verdade esses quase 2 anos isolados (pandemia), isso trouxe uma série de problemas que a escola quando retorna ao presencial, ela não abre espaço para gente dialogar como estão as pessoas, como elas estão encarando esse retorno. Enfim, aí eu já não voltei pra sala de aula (pós pandemia), o que eu tenho são relatos dos coordenadores, dos coordenadores pedagógicos de sociologia dos seus campi e de outros coordenadores gerais que vão pontuar isso. Muitos problemas, desde a educação infantil, primeiro segmento de ensino fundamental, segundo segmento de ensino fundamental, ao ensino médio. Desde esse primeiro segmento ao ensino médio, vários problemas foram relatados. Assim, eu fiquei impactada com caso de alunos, estudantes, do primeiro segmento do fundamental, uma faixa etária bem nova, de tentativas de suicídio, problemas que não ocorreram antes da pandemia. Um retorno onde os estudantes se mostraram mais agressivos, menos tolerantes, então ainda vivemos esse processo. Alunos muito agitados. Então, neste retorno, os professores têm relatado que não foi um retorno tranquilo, não poderia ser nunca, mas acho que não houve o momento da escuta, da fala e de “vamos colocar pra fora esses sentimentos acumulados todos esses anos”. Acho que faltou um pouco disso no colégio, porque é uma situação que é relatada pela maioria dos docentes de qualquer disciplina. Então temos muitos problemas, muitos problemas de saúde mental, que apareceram, alguns casos de suicídio independente da faixa etária, muitos problemas decorrentes desse período. Pessoas/estudantes que perderam familiares queridos, que voltam e a gente não fala sobre isso, acho que a escola não pensou e não se preparou



adequadamente para esse retorno, e a escola somos nós, né, que não pensamos adequadamente também esse retorno. É difícil porque a gente também não tem qualificação para isso, a gente tem boa vontade, mas talvez um psicólogo que orientasse como atuar, enfim... não sei.

**KAREN FERNANDES:** Qual a sua percepção sobre o novo ensino médio e as questões que envolvem a disciplina de sociologia?

**SILZANE CARNEIRO:** Olha, no colégio (Pedro II), a gente não implementou o novo ensino médio, então a gente ainda tem o nosso programa anterior, estamos trabalhando com ele, mas isso traz um problema. A escola adotava o livro “Sociologia em Movimento” pelo PNLD (Programa Nacional do Livro Didático), mas agora pelo PNLD tinha que ser um livro interdisciplinar, esse ano a gente ainda pode utilizar o “Sociologia em Movimento” porque muitos alunos devolveram, tinha sobra dos que ficaram nos anos de pandemia. Agora para o ano que vem é que a gente não sabe exatamente como vai ficar porque a gente tem um livro interdisciplinar, com um programa que não é interdisciplinar. As equipes de professores dessas disciplinas interdisciplinares também não se reúnem, para pensar trabalhos interdisciplinares, então essa discussão (novo ensino médio) acho que a escola vai fazer mais adiante. No momento, a escola está aqui tentando fazer o seu planejamento organizacional e de mão de obra para 2023 e de calendário também, porque o nosso calendário também não está acertado desde que a gente voltou da pandemia, estamos com as aulas começando em meados de abril, início de maio praticamente. Então é outra questão que precisamos acertar para que as aulas voltem a começar em fevereiro, são essas as questões que tem sido mais urgentes por hora.

**KAREN FERNANDES:** Eu vi que você também tem experiência na área da educação em direitos humanos, pode falar sobre sua trajetória nessa temática?

**SILZANE CARNEIRO:** Então, essa questão desse olhar sobre direitos humanos ela vai acontecer alguns anos atrás, não sei precisamente data, mas meu colega de trabalho, Carlos Eduardo, que também ficou sempre muito à frente dessa questão da educação em direitos humanos comigo no campus Centro, acho que 2014, nós fizemos um projeto. Como somos dedicação exclusiva, naquele momento se falou que os professores de dedicação exclusiva deveriam apresentar um projeto e aí nós pensamos “vamos fazer um projeto de educação em direitos humanos”. Nós já tínhamos oferecido um curso de extensão anteriormente, alguns anos antes, discutindo um pouco esse olhar sobre a educação, era o curso oferecido para pós graduação, naquele programa de residência docente, onde a gente já abordava algumas coisas que iam em direção a educação em direitos humanos. Bom, fizemos esse projeto e começamos a ter esse olhar mais direcionado, primeiro ao ensino de sociologia, como o ensino de sociologia vai nessa linha de educação em direitos humanos. Aí eu fiz um trabalho, publiquei um artigo e apresentei no ENSOC (Encontro Estadual de Ensino de Sociologia), com uma professora de sociologia do Pedro II, sobre o ensino de sociologia e

educação em direitos humanos, onde a gente traz essa questão da desbarbarização, que é necessário construir uma educação pra desbarbarizar e desnaturalizar muitos olhares. Aí eu entendo a gente pensando o ensino de sociologia como o ensino que potencialmente pode construir novas sensibilidades, como eu falei, novas subjetividades pra que a gente possa olhar o outro e dialogar com esses estudantes, enfim, pensar essas possibilidades de como em um mundo desigual, como é que a gente enfrenta, como é que a gente caminha pra uma sociedade mais tolerante, menos injusta, então são preocupações que estão sempre comigo e com vários colegas meus, que a gente atua nessa questão dos direitos humanos. Também desenvolvemos pesquisas de iniciação científica júnior nesse campo, pensando assim, o meio ambiente como uma questão de direitos humanos, a questão da violência, da maioria penal, sempre nesse olhar, enfatizando a educação em direitos humanos. E durante a pandemia, que não podíamos... por que são sempre trabalhos realizados com os estudantes, as pesquisas são feitas com estudantes da educação básica e seminários que a gente faz, como o que falei, sobre violência, maioria penal, fizemos seminário pra discutir autonomia do campo educacional, levamos o Fernando Penha pra falar do “escola sem partido”, então sempre com foco também nos estudantes, eles também participam desse seminário e acho que eles sempre têm muito a contribuir. E, então, na pandemia nós fizemos muitas lives, e as lives foram organizadas (porque eu não domino essa questão da tecnologia) pelo Carlos Eduardo Oliva, que a Professora Raquel conhece também, inclusive ele a convidou através do LAEDH (Laboratório de Educação em Direitos Humanos), que funciona ali no campus Centro, que era para a Raquel nos ajudar a elaborar uma cartilha sobre direitos humanos. Aí fizemos lives pensando o ensino de ciências sociais, que é para o ensino fundamental, de sociologia, sobre a questão ambiental, sobre violência, sobre samba, sobre saúde mental, foi muito importante essa live sobre saúde mental, sobre educação em direitos humanos e audiovisual, enfim... uma infinidade de lives, essa última já foi com o NEPA, que é o núcleo de estudos e pesquisa em audiovisual, que é coordenado pela professora Rosiane Dourado, do Colégio Pedro II, do qual eu também participo. Então, assim, é importante a gente trabalhar nessa perspectiva da educação em direitos humanos e também, quando a gente começou a falar sobre direitos humanos, não tinha tanta divulgação como teve recentemente, muito por conta de um governo que não respeitava e que era contra os direitos humanos, então isso acabou se tornando ainda mais evidente. Bom, então a gente trabalha com essa perspectiva, de uma educação de qualidade, para todos, para todas, onde a gente possa pensar e discutir, falar e desejar construir caminhos de uma sociedade confortável para todos e todas. Enfim, acho que essa tem sido a experiência na área de educação em direitos humanos, ela começa a partir desse projeto no colégio mas foi só um pontapé inicial, porque aí a gente vai começar a desenvolver e ter um olhar mais centrado sobre essa questão, com estudantes, escrever artigos, participar de eventos. E esperamos que a gente esteja contribuindo para essa discussão, o LAED agora faz parte da rede Novamérica<sup>2</sup> também, que é outra

---

2 A Novamerica é uma sociedade civil sem fins lucrativos com o objetivo de analisar e debater a realidade latino-americana atual em uma perspectiva multidisciplinar, multiétnica e multicultural. Disponível em: [Novamerica – Educação em Direitos Humanos, Direitos Humanos, Ong](#)

referência na área de educação em direitos humanos, com a Vera Candau, então tem sido esse caminho que a gente tem trilhado.

**KAREN FERNANDES:** Em sua percepção, qual é o papel do ensino de ciências sociais na educação em direitos humanos?

**SILZANE CARNEIRO:** “Ciências sociais” para nós do colégio Pedro II está muito ligada ao ensino fundamental, porque a gente dividiu denominando ciências sociais no ensino fundamental e sociologia no ensino médio, por que essa diferença? Porque a gente observou no colégio que para o ensino fundamental a referência de ciências para eles, era as ciências biológicas, como se só existisse um tipo de ciência, e quisemos marcar a existência de uma ciência com um olhar pra sociedade, e aí ficou ciências sociais no fundamental e sociologia no médio. Mas pensando as ciências sociais (antropologia, sociologia e política) como um todo e também dentro do colégio Pedro II, se a gente pensar as ciências sociais na educação fundamental, que agora até tem esse movimento de trazer a sociologia para o ensino fundamental, tem tudo a ver, porque é um outro olhar e acho importante pra esses estudantes dessa faixa etária ter conhecimento de questões que nos afligem que não são naturais, da gente problematizar. Então, quando nós estávamos no sexto ano, eu adorava trabalhar com essa faixa etária porque era tudo novidade, então a gente discutia de uma forma mais lúdica, mas a gente também falava sobre estado democrático de direito, porque nessa faixa etária eles não estão pensando em direitos, em democracia, né, propriamente dito, a gente falava sobre socialização, como nosso comportamento é aprendido. Então acho que a gente precisa fortalecer esse movimento de que as ciências sociais ou a sociologia possam estar no segundo segmento do ensino fundamental, porque isso é humanizar e se humaniza a gente tá atuando na educação em direitos humanos. Eu acho que a gente tá precisando muito desse olhar que questiona o estabelecido, o naturalizado e propõe alternativas transformadoras. Lembrando um pouco do Ailton Krenak, naquele livro “Ideias para adiar o fim do mundo” ele fala da nossa humanidade zumbi né, humanidade que barbariza, então a sociologia no ensino médio ainda que a gente desenvolva um trabalho na educação em direitos humanos, a gente já pega os estudantes com a sua formação iniciada e muitas vezes difícil de ser alterada. Então, nessa faixa etária (fundamental) a gente está atuando na formação, na formação do pensamento crítico, então é importante a gente ocupar esse espaço de que a sociologia ou as ciências sociais, através da antropologia, da sociologia e da ciência política, possam ocupar essa grade curricular. Isso vale também para a sociologia no ensino médio, como falei a pouco, o nosso texto que fala sobre desbarbarizar, um texto inspirado no Adorno, e sim a gente tem que desbarbarizar, porque olha, a gente viu aí recentemente um estudante com símbolo da suástica querendo explodir uma escola né. Eu acho que é fortalecer a escola, uma escola mais humana, que humaniza e desbarbarize, é fortalecer o papel do professor, destacar a importância desse professor no ensino, garantir a importância da ciência, estimular esse conhecimento científico. É impressionante como em pouco tempo tudo isso foi minado, embora não seja um movimento exclusivo do Brasil, mas é esse

movimento que nega a ciência, que nega o conhecimento, que acha que o professor não tem importância. Então a gente tem que fortalecer essa educação em direitos humanos, falar em direitos humanos é importante para a educação.

**KAREN FERNANDES:** A partir da sua experiência na educação básica e da atuação com licenciandos no estágio supervisionado, teria algum conselho para futuros professores de ciências sociais/sociologia?

**SILZANE CARNEIRO:** Ao longo desses anos no colégio eu sempre orientei licenciandos e licenciandas e isso foi uma experiência... a maioria dos licenciandos são da UFRJ, agora mais recentemente que entram licenciandos da UNIRIO (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro) e mesmo do colégio Pedro II, dos cursos de graduação. Então vou falar assim com mais ênfase da UFRJ, isso foi um processo bem bacana que a gente foi afinando com as professoras de práticas de ensino desta universidade a formação desses licenciandos, porque antes a gente recebia esses estagiários muito descompromissados com a educação, por exemplo, eu lembro de ter recebido um que na escola que ele estudou... a referência dele era essa escola e era uma tinha um ou outro professor que não tinha um envolvimento com a educação, então ele achava que qualquer coisa que ele fizesse estaria bom, né. Estou citando um caso, uma situação específica para explicar como que ao longo desses anos, ao longo desses vinte anos, hoje a gente recebe estagiários que são excelentes. Então a UFRJ fez muitas reuniões com os professores do CP2, nós também convocamos muitas reuniões, muitas avaliações, eu não sei se isso também pode ser uma mudança no perfil dos estudantes que vão fazer ciências sociais, compromissados com a educação pública, com a educação em um todo e que desenvolvem um trabalho excelente no colégio. Acho assim, olha, difícil pensar nosso trabalho sem a colaboração desses graduandos da licenciatura, uma atuação muito importante. Então, o que eu falei no início foi só pra registrar como tudo é um processo e que a gente não descartou, mas a gente foi vendo como poderíamos qualificar melhor, tanto nós como os professores que estavam recebendo, quanto os professores que estavam “ofertando” os seus graduandos. O que eu acho assim que é importante é a gente sempre olhar pro nosso estudante, a sociologia é uma disciplina de dois tempos, então quando eu estava em sala de aula, no início da minha carreira, eu estava muito preocupada com o conteúdo, de passar conteúdo, e vejo ainda hoje professores com essa preocupação, de ter que passar o conteúdo, de cumprir o programa e a gente acaba se envolvendo pouco com nossos estudantes, conhecendo pouco. Naquela época quando tinha conselho de classe, tinha uma professora de biologia que sabia a vida de todos os estudantes e eu ficava “meu Deus, eu não conheço meus alunos, como pode?” e aquilo me intrigava, depois eu fui percebendo que pra avançar na sala de aula, no conteúdo, eu precisava conhecer meus estudantes, dialogar com eles. Então isso é importante, a gente tem que conhecer os nossos estudantes. Eu tive uma orientanda de especialização, desse programa de residência docente que me marcou, ela falou que corrigia... eu realmente não conseguia fazer isso e admiro quem consegue fazer, porque os professores sempre tem muitas turmas, muitos estudantes, mas ela disse que sentava com

os estudantes, principalmente aqueles que tinham tirado notas baixas e colocava do lado dela e dialogava com a prova, pra saber o que aconteceu e por que ele tirou aquela nota baixa. Então eu acho admirável quem faz isso e, podendo fazer, é importante porque às vezes a gente acha que é porque a pessoa não estudou, não se dedica, tem comportamento desinteressado, mas isso pode ser reflexo de outras questões que são fundamentais para ela e não chegam no espaço da sala de aula. Então é importante, assim, chamar depois da aula e conversar com esses estudantes, saber o que acontece, nunca expor o aluno na frente de outros colegas, isso é horrível, constranger, são coisas que a gente nunca deve fazer, porque isso só piora a nossa relação na sala de aula e isso eu nunca fiz, procurei sempre respeitar os estudantes, mas mantinha sempre uma distância, depois fui percebendo que não, que a gente tem que se envolver.